

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**Relatório  
AVALIAÇÕES: UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA**

**Eronides Câmara Donato  
Coordenadora da Prática de Ensino**

**Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa  
Orientador**

**Joselma Caetano do Nascimento  
Orientanda**

**Campina Grande, abril de 2004**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG

Relatório

**AVALIAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA**

Este relatório é fruto da experiência adquirida durante o estudo das disciplinas Complementação da Prática de Ensino, Metodologia do Ensino de História e Prática de Ensino, que teve como coordenadora a professora Eronides Câmara Donato e a orientação do professor Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa.



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

A Deus, por ter me concedido sabedoria suficiente para superar cada desafio, por me oferecer mais uma vitória.

Aos meus pais, o Sr. Joel Barbosa e D. Josefa Caetano, por me apoiarem nos momentos em que mais precisei e, principalmente, por terem me dado amor, carinho e compreensão, que serviu de apoio para enfrentar a vida.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>PARTE I – APERCEBIMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS PARA A INICIAÇÃO NA COMPLEMENTAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO.....</b>	<b>7</b>
<b>PARTE II – INICIAÇÃO NA PRÁTICA DE ENSINO NA SALA DE AULA: O USO DE RECURSOS NA PRÁTICA DE ENSINO E RECONSTRUÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE III – INSTRUMENTOS PARA A PRÁTICA DE ENSINO: MÚSICA E TEATRO NA SALA DE AULA.....</b>	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>22</b>

## Introdução

Escolhi como tema para escrever este relatório as disciplinas que estão ligadas à Educação, não porque as considero mais importantes do que as demais disciplinas do curso, mas porque seus conteúdos estão ligados com a vivência profissional fora da academia. As disciplinas Complementação da Prática de Ensino, Metodologia do Ensino de História e Prática de Ensino ofereceram uma oportunidade para aperfeiçoar nossa formação profissional.

O objetivo principal de escrever sobre as avaliações das disciplinas citadas, é mostrar a importância que a avaliação tem na produção do conhecimento. O relatório está dividido em três capítulos para que fique mais fácil o processo de relato das avaliações e do estágio da Prática de Ensino.

No primeiro capítulo é apresentado o Memorial proposto pela disciplina Complementação da Prática de Ensino; dedico um capítulo inteiro ao Memorial porque o considero um importante caminho para se acompanhar o amadurecimento intelectual do aluno no decorrer do curso de Licenciatura em História. Ele é, em certo sentido, uma espécie de auto-avaliação.

O segundo capítulo é composto pelas seguintes partes: um artigo que tem como título "As identidades construídas pela modernidade"; um diário de campo sobre a disciplina Complementação da Prática de Ensino; uma proposta teórico-metodológica sobre a monografia produzida pelo aluno no final do curso; um artigo sobre "O mal estar causado pelo outro", em que escrevi sobre a forma como a sociedade vê a prostituta; e, por fim, a oficina sobre paródias trabalhada na disciplina Metodologia do Ensino de História. Todos os trabalhos acima referidos são avaliações que de uma forma ou de outra contribuíram para a formação acadêmica e profissional do alunado.

No terceiro e último capítulo encontra-se um relato sobre a experiência de ministrar um mini-curso na Prática de Ensino em forma de estágio, a ideia foi trabalhar recursos didáticos como cinema, música e teatro para auxiliar o ensino de história.

A intenção é relatar a forma como as avaliações citadas foram importantes para a formação daqueles que com muita dificuldade conseguiram chegar ao final do curso. Cada avaliação serviu como uma experiência a mais na nossa vida.

## **Capítulo I - Apresentação do Memorial proposto pela disciplina complementação da Prática de Ensino**

O Memorial que ora comento fez parte da avaliação da primeira unidade da disciplina Complementação da Prática de Ensino, ministrada pela professora Eronides Câmara Donato. A proposta da disciplina é fazer com que os alunos produzam um memorial de suas atividades acadêmicas e profissionais, a partir da data em que ingressou no curso. Isto levou a turma a refletir sobre sua formação e seu amadurecimento intelectual no curso e, mais precisamente, sobre a ligação existente entre o aprendizado adquirido na academia e a prática na sala de aula em escolas do ensino Fundamental e Médio.

Inicialmente, parablenizo a disciplina pela proposta, pois esta foi uma oportunidade importante para o aluno falar sobre as suas dificuldades, suas angústias e seus limites, superados ou não, no decorrer do curso.

Explicitiei neste memorial as grandes dificuldades que enfrentei. A primeira delas foi quando ingressei no curso, pois possuía uma visão muito restrita da história, imaginava que iria estudar da mesma forma que me foi repassada no ensino médio, a história como uma verdade absoluta, acontecimentos que para mim eram inquestionáveis, puramente decorativos. A partir do momento em que as disciplinas me levavam a refletir, analisar e questionar comecei a perceber que não existe verdade absoluta em história e que o papel do historiador é exatamente desconfiar, procurar observar várias versões para um determinado fato. Isto provocou um fascínio pelo curso, este envolvimento me levou a ter posições próprias, a tirar minhas conclusões e expor meu ponto de vista.

No memorial dou um grande enfoque no que para mim foi a maior dificuldade enfrentada na minha passagem no curso: produzir textos. Escrever é uma tarefa muito difícil, algumas disciplinas me ajudaram a enfrentar o problema de frente; as avaliações feitas em casa tiveram um papel importante, porque o professor sempre dava a oportunidade de refazer a atividade, apontando os erros e os acertos levando o aluno a melhorar o texto, isto é positivo porque os erros cometidos eram consertados e quando o aluno vai escrever outros textos raramente



repete os erros apontados pelo professor em uma atividade ou exercício anterior.

Sei que o problema de produzir texto não é algo específico da minha experiência. Assim como eu, muitos sentem dificuldade e isto só é melhorado depois de muitas leituras e produções; quanto mais você escreve mais aperfeiçoamento alcança.

Como uma das idéias do Memorial é relatar nossas experiências fora da academia, descrevo em um breve parágrafo minha atuação na sala de aula como uma tarefa interessante, que ajudou consideravelmente na minha formação intelectual e profissional. Pois o aprendizado adquirido na academia, aliado à prática na sala de aula, resulta em um complemento indispensável para a formação do professor.

Faço uma crítica construtiva ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, pois percebo que o aluno é preparado muito mais para ser um pesquisador do que para ser um professor. Afirmando isto porque considero poucas as disciplinas oferecidas no curso ligadas à educação, e estas só são oferecidas nos últimos períodos.

Escolhi duas disciplinas para fazer uma análise a partir das leituras feitas durante os períodos em que as estava cursando. Foram elas: História Contemporânea I e História Contemporânea III; a primeira cursada no período de 1999.1, ministrada pela professora Maria do Socorro Rangel e a segunda cursada no período 2001.2, tendo como professor Severino Cabral Filho. No memorial explico por que escolhi estas duas disciplinas, pois a seleção não foi feita aleatoriamente, mas teve o propósito de fazer uma ponte entre o período em que eu apenas estudava e o período em que passo a estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

A partir daí relato a maneira como as disciplinas foram trabalhadas, o objetivo de cada uma, as leituras feitas e o que elas contribuíram na minha formação profissional e pessoal. Mas o grande motivo da escolha das duas disciplinas foi o desafio proposto por elas, História Contemporânea I me ajudou a superar meus limites na escrita, na produção textual, pois a professora me dava a oportunidade de refazer as atividades três ou até mesmo quatro vezes, sempre apontando onde deveria ser melhorado. Muitas vezes eu ficava chateada, achava que não era capaz

de realizar bem tal atividade, mas ao final, a experiência foi significativa e me ajudou bastante.

A disciplina História Contemporânea III também me proporcionou um desafio que me fez olhar a história por outro lado, o lado do dominado, pois o professor trabalhou os conflitos, a sociedade, a política e a economia do mundo contemporâneo a partir do ponto de vista do dominado em relação ao dominador. Levei esta experiência para a sala de aula e foi bastante proveitosa, porque fez com que meus alunos percebessem o outro lado da moeda, e ainda viram que certos livros didáticos relatam a história a partir de cima, do dominador.

Relato também no Memorial minhas poucas participações nos eventos feitos pelo Centro de Humanidades. O motivo de participar pouco está relacionado a vários fatores, como morar em outra cidade, trabalhar em dois turnos, entre outros.

Faço um comentário sobre a disciplina Complementação da Prática de Ensino, pois a sua contribuição na formação do aluno do curso de História é extraordinária, porque orienta o aluno para as experiências diárias, as leituras perpassam o ser, vão além do indivíduo e os leva a questionar valores e preconceitos; podemos dizer que os textos propostos pela disciplina modificaram bastante o pensamento e a forma de agir da turma que a cursou. A maioria dos alunos é composta por professores, que aproveitaram as experiências da disciplina para aplicá-las com seus alunos.

Por fim, faço uma abordagem dos textos lidos na primeira unidade da disciplina Complementação da Prática de Ensino. A temática utilizada foi "O poder de exclusão da linguagem". Para trabalhar este tema a professora Eronides Câmara selecionou textos que levaram a turma a perceber o poder do discurso, da linguagem, que diz qual o seu lugar na sociedade em que vive. Estas discussões são levadas para a educação a partir dos textos: "Pragmática do saber narrativo", de Jean-François Lyotard; "O que faz gaguejar a linguagem na escola", de Sandra Maria Corazza; e "Michel Foucault e a Educação: Há algo de novo sob o sol?", de Alfredo Veiga Neto. Todos estes textos foram discutidos no decorrer da primeira unidade e levou-nos a perceber as relações de poder que existem entre professor-aluno, ajudando a melhorar a convivência na sala de aula, tornando o trabalho do

educador mais proveitoso.

A proposta de escrever um memorial quando o aluno do curso de Licenciatura em História já está nos últimos períodos é bastante proveitosa, pois nos leva a fazer uma reflexão do que estudamos na academia, além de ter a oportunidade de fazer uma espécie de auto-avaliação.

## Capítulo II – Discussão sobre as avaliações das disciplinas: Complementação da Prática de Ensino e Metodologia do Ensino de História

Tenho a pretensão de discutir neste segundo capítulo as avaliações feitas nas disciplinas: Complementação da Prática de Ensino e Metodologia do Ensino de História. Escolhi estas duas disciplinas porque são as que trabalham diretamente com a educação, suas avaliações são baseadas nas leituras propostas, nos planos de cursos, nos debates feitos em sala e nas experiências da vida profissional e pessoal da turma.

Irei primeiramente relatar as avaliações da disciplina Complementação da Prática de Ensino, cursada no período 2002.1, dando uma maior atenção à segunda e à terceira unidades, pois na primeira unidade escrevi um Memorial que já foi comentado no primeiro capítulo deste relatório.

A proposta da segunda unidade foi fazer um artigo sobre qualquer temática estudada na disciplina ou um capítulo da monografia da Prática de Ensino. Escolhi fazer um artigo baseado nas discussões feitas no decorrer da disciplina e, mais precisamente, nos textos estudados em sala.<sup>1</sup>

O artigo tem como título “As identidades construídas pela modernidade”. Nele descrevo as identidades que a sociedade moderna cria para aqueles que não seguem as regras, que não se adequam ao modelo social dominante. Estas identidades muitas vezes estão cheias de preconceitos, racismo e desigualdades; algumas nomeações são utilizadas para diminuir a exclusão, mas terminam excluindo ainda mais.

“Quando se faz referência a um deficiente físico usa-se a palavra

<sup>1</sup> \*DUSCHATZKY, Silva e Carlos Skliar. “O Nome dos Outros: Narrando a alteridade na cultura e na educação”. Marisa Vorraber Costa, “Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem da cultura”; e por fim Alfredo Veiga Neto, “Incluir para excluir”.

DUSCHATZKY e Carlos Skliar. “O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação”. In **Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença**. Jorge Larroza e Carlos Skliar (orgs.). COSTA, Marisa Vorraber. **Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura**. In **Cultura, linguagem no ensinar e aprender**. Vera Maria Landau (Org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (p. 29 a 46)

especial, como se estas nomeações diminuíssem o grau de exclusão que a sociedade impõe às pessoas portadoras de deficiência”.<sup>2</sup>

Este exemplo descrito no artigo mostra uma nomeação criada para incluir, mas que muitas vezes termina excluindo. No sistema educacional não é diferente, as escolas classificam os alunos de acordo com as notas que tiram nas provas, com o comportamento do aluno, com o local que habita, etc. É muito comum nas escolas haver salas separadas para alunos que habitam na zona rural e salas específicas para os que moram na cidade. Isto é uma forma de exclusão, de segregação, que diferencia um aluno do outro.

No artigo descrevo vários exemplos de procedimentos de exclusão cometidos na educação. Procedimentos estes criados pela linguagem e instituídos pela sociedade. Relato também no artigo o poder que o livro didático tem de instituir as nomeações que cria identidades para o colonizador e o colonizado, o primeiro é o superior, o segundo inferior, submisso, isto cria práticas discriminatórias e preconceituosas.

O artigo procura denunciar exatamente as identidades produzidas através da linguagem e instituída pela sociedade, pois é esta que cria modelos ideais a ser seguidos sem levar em conta a discriminação, o preconceito, o racismo e a exclusão.

A terceira avaliação da disciplina Complementação da Prática de Ensino levou o aluno a escrever um diário de campo em forma de texto, procurando relatar a influência das leituras e das discussões feitas no decorrer da disciplina. A idéia é fazer com que os alunos coloquem no papel as experiências e amadurecimento intelectual que adquiriu durante as aulas.

O diário foi, na minha opinião, a avaliação mais trabalhosa da disciplina, porque para fazê-lo é necessário ter acompanhado todas as aulas e ter lido os textos sugeridos pela professora, sem estes procedimentos não seria possível escrevê-lo.

---

VEIGA, Neto; Alfredo J. Michel Foucault e a educação: há algo de novo sob o sol? In *Crítica pós-estruturalista e educação*. Veiga Neto, Alfredo (Org.) et al. Porto Alegre: Salina, 1995. (p. 9 a 56)

<sup>2</sup> Ver nos anexos o artigo “As identidades construídas pela modernidade”.

Descrevo no diário as discussões feitas no decorrer da disciplina através dos textos sugeridos no plano de curso. Procuro relatar as idéias principais de cada texto estudado, da primeira à terceira unidade. Foram ao todo onze textos que procuravam discutir o poder de exclusão da linguagem, as subjetividades criadas pela linguagem e os procedimentos de exclusão instituídos pela modernidade.

Faço um breve comentário sobre os textos da primeira e segunda unidade e procuro fazer uma análise mais detalhada nos textos da terceira unidade, pois o diário faz parte deste último momento da disciplina.

A experiência de escrever um diário, um artigo e um memorial proposto pela disciplina Complementação da Prática de Ensino foi bastante proveitosa, pois além de ser uma experiência nova, levou-me a aperfeiçoar meus conhecimentos e a repensar minhas atitudes diante das pessoas que convivo, principalmente meus alunos, pois muitas vezes, sem perceber, utilizamos procedimentos, atitudes e nomeações que excluem, que classificam um aluno como inteligente e outro como incapaz. A partir das leituras sugeridas pela disciplina passei a ver o sistema educacional com outros olhos, comecei a perceber que existem falhas que precisam ser repensadas e discutidas pelos profissionais da área para que a educação possa realmente cumprir seu papel que é o de formar cidadãos críticos e conscientes.

A disciplina Metodologia do Ensino de História tem como objetivo apresentar uma leitura pós-crítica da idéia de sujeito, da relação professor-aluno, da concepção da verdade e das relações de poder, diferentemente do que ocorria na década de 80, quando o sujeito era tido como objeto no processo de aprendizagem em história.

A idéia é fazer com que a turma de Metodologia aprenda a estudar, escrever e ensinar a história, percebendo teoricamente como o conhecimento é produzido. Partindo deste pressuposto a professora Eronides propõe dois caminhos para orientar os alunos – que estão na reta final do curso – para escreverem suas monografias. A primeira unidade tem como temática a produção do conhecimento e a discussão da representação do real, levando o aluno a compreender como a história cultural trabalha com a idéia das representações. Para isto a disciplina

propôs quatro textos<sup>3</sup> relacionados a esta temática. Depois de ter apresentado e discutido os textos em sala a professora sugeriu que os alunos fizessem uma proposta metodológica das monografias obrigatórias do final do curso.

Inicialmente, a minha idéia era escrever uma monografia tendo como tema “as narrativas sobre o fenômeno do cangaço no livro didático”; como eu já havia lido e pesquisado sobre o assunto, fiz uma proposta metodológica sobre este tema baseado na idéia das representações. A experiência me ajudou bastante a compreender este lugar teórico metodológico de ler e descrever o mundo, que é a representação.

A segunda unidade de Metodologia teve como temática “a produção do conhecimento e a discussão da instituição do real”, a idéia era fazer com que os alunos tivessem conhecimento de outra corrente teórica metodológica que pudesse lhes orientar para escrever suas monografias, ou até mesmo nos trabalhos de pós-graduação. A escolha pela desconstrução baseada em Foucault não foi feita por acaso, pois é a corrente seguida pela professora que ministra a disciplina.

A avaliação deste segundo momento poderia ser uma proposta metodológica da monografia baseada na desconstrução, em outras palavras, na arqueologia do pensamento Foucaultiano. Ou ainda, escrever um artigo afirmando qual o outro na sociedade que lhe causa mal estar. Escolhi esta segunda opção porque me chamou bastante atenção, porque a sociedade que vivemos é muito preconceituosa, existem valores que são instituídos e nós não percebemos o quanto estes valores fazem mal ao homem.

Pensando nisso resolvi fazer um artigo que mostrasse a discriminação que a sociedade impõe na mulher que não segue as regras sociais e morais, mulheres estas que a linguagem produziu uma identidade que a inferioriza. A palavra prostitua carrega nas entrelinhas o conceito de mulher impura, que

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Introdução ao livro **A história cultural entre prática e representações – Memória e Sociedade**. Difel, Difusão Editorial Ltda. Lisboa e Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In **Estudos avançados**. Nº 11, vol. 5. Janeiro/abril de 1995. (USP).

PASAVENTO, Sandras Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In **História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

transforma o corpo em mercadoria, mal vista não só pela sociedade, mas pela religião, porque seu comportamento não segue os padrões impostos.

Escrevi o artigo não porque a prostituta me causa mal estar, mas porque a sociedade a exclui e não procura questionar, analisar os motivos que fazem muitas mulheres venderem o corpo.

A última avaliação da Metodologia de Ensino foi uma oficina, o objetivo era levar nós alunos a exercitarmos a relação que a história tem com a música, a literatura de cordel, o cinema, com a poesia e paródias. Estes recursos podem ser um grande aliado para o professor de história em sala de aula, desde que seja trabalhado com criatividade.

A turma foi dividida em equipes e cada uma escolheu um tema para trabalhar. Esta foi uma avaliação bastante proveitosa, pois mexeu com a criatividade de todos, além de abrir caminhos para que os temas sejam trabalhados para alunos do ensino fundamental e médio.

Trabalhamos<sup>4</sup> com paródias, nosso objetivo era apresentar através de paródias as diversas representações do índio mostradas nos livros didáticos. Em uma das reuniões que fazíamos para preparar a oficina, decidimos levar a idéia para os alunos do ensino fundamental – já que exercemos o ofício de ensinar. A experiência foi um sucesso, os alunos mostraram através de desenhos as representações que faziam dos índios, apareceram diversas representações, o índio selvagem, preguiçoso, trabalhador, caçador, guerreiro, em contato com a natureza e até a sensualidade das índias.

As leituras<sup>5</sup> que os alunos da 5ª e 6ª séries fizeram sobre o índio foram exatamente as representações que os livros didáticos transmitem. Observando este aspecto decidimos usar os desenhos na oficina para mostrar o poder que o livro didático tem de representar o sujeito, que neste caso é o índio.

Analisamos livros didáticos de dois momentos distintos, da década de

---

REIS, José Carlos. *Annales e marxismos: "programas históricos" complementares, antagônicos ou diferenciados. In Escola dos Annales – a inovação em História.* São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>4</sup> A equipe era composta por Joselma Cactano do Nascimento, Luciana Balbino de Souza e Marilda Coelho da Silva.



1970 e outros atuais de 2001 e 2003, percebemos que os discursos, as imagens e as representações sobre o índio não mudaram muito de um período para o outro. O livro do projeto *Arariba* de 2003 se diferencia dos demais porque procura descrever a história do índio partindo do ponto de vista dos próprios nativos, ao contrário dos outros livros didáticos analisados, que descrevem a história a partir do colonizador, do europeu e por isso essa forte representação dos índios como selvagens, submissos, preguiçosos, etc.

Depois das análises feitas nos livros didáticos, na Internet e na sala de aula, organizamos a oficina em três momentos, pois percebemos que as representações feitas para o índio mudam de acordo com o momento da história que está descrevendo, por exemplo, é muito comum no capítulo do descobrimento o índio aparecer como selvagem, primitivo, antropófago etc, para mostrar a superioridade do português. No capítulo da catequese o índio é representado como inocente, indefeso, que precisa de proteção, da conversão ao cristianismo, essa imagem aparece para justificar a dominação. Já num terceiro momento é atribuído ao índio o papel de corajoso, altivo, cheio de amor à liberdade, porque este é o momento de descrever a formação do povo brasileiro, não é interessante afirmar que a nação brasileira é formada por selvagens, negros e portugueses.

Apresentamos a oficina mostrando estes três momentos da história do índio fazendo relação com os livros didáticos que usam os mesmos argumentos descritos acima. Ornamentamos a sala com os desenhos produzidos pelos alunos do ensino fundamental e com objetos fabricados e utilizados pelos índios, como rede, esteira, enfeites, arma (arco e flecha), entre outros.

Produzimos paródias – esta foi a parte mais difícil da oficina – que procuravam descrever a forma como os livros didáticos representam o índio.

Foi uma experiência interessante porque mexeu com a criatividade da equipe, além de contribuir para a nossa formação profissional.

As três atividades da disciplina Metodologia do Ensino de História ultrapassaram minhas expectativas, porque quando me matriculei nesta disciplina tinha a idéia de que a professora iria oferecer fórmulas, receitas prontas, métodos de

---

<sup>5</sup> Considerando que o desenho é um texto que pode ser lido.

se trabalhar história em sala de aula. Mas, no final da disciplina percebi que a contribuição na minha formação pessoal e profissional foi grandiosa.

### **Capítulo 3 – Mini-curso - uma alternativa para o estágio: cinema, música e teatro na sala de aula**

A disciplina Prática de Ensino, ministrada pela professora Eronides Câmara Donato, teve início com um problema a ser resolvido pela turma, pois a idéia de ministrar aulas em forma de estágio para um curso pré-vestibular dentro da universidade não era viável, porque iniciamos o período 2003.2 em novembro, época em que as instituições superiores de ensino já haviam realizado as provas de vestibular. Com este obstáculo tornou-se difícil encontrar público para a realização do estágio.

Em conjunto, decidimos realizar um mini-curso tendo com tema “Cinema, Música e Teatro na Sala de Aula”. Abrimos inscrições para professores e alunos do próprio curso de História, tendo em vista que muitos destes já exercem o ofício do magistério ou estão se formando na área. Desta forma, seria interessante trabalhar com recursos<sup>6</sup> tão presentes no dia-a-dia do alunado e que muitas vezes os professores não utilizam em sala de aula, e se utilizam não dão muita importância.

Inscreveram-se cerca de trinta pessoas. A partir daí as três equipes formadas pela turma da prática de ensino começaram a se mobilizar para preparar o mini-curso, cada equipe ficou com um tema: a primeira trabalhou com “O Cinema e a História na Sala de Aula”; a segunda equipe com “Música e História na Sala de Aula” e a terceira trabalhou com o “Teatro e a História na Sala de Aula”.

Cada tema teria duas quartas-feiras para serem trabalhadas, as datas ficaram organizadas da seguinte forma: nos dias 10 e 17 de março de 2004 realização da oficina “Cinema e História na Sala de Aula”; por fim, no dia 07 de abril realizou-se a última oficina que trabalhou com o teatro.

A idéia principal ao se trabalhar com estas temáticas era oferecer possibilidades para o professor utilizar de uma forma mais cuidadosa e criativa, usando cada recurso ligado ao tema que está sendo ministrado. Isso porque percebemos que muitas vezes o professor leva um filme ou uma música para sala

---

<sup>6</sup> Os recursos utilizados foram: o cinema, a música e o teatro.

de aula e apenas usa para passar o tempo, ou manda os alunos fazerem um relatório sem trabalhar o conteúdo que o recurso didático oferece. Desta forma, não há uma interação entre o recurso didático e o conteúdo estudado pela turma e os alunos raramente dão importância à aula.

Mas se o professor souber usar de forma adequada filmes, músicas e teatralização, as aulas se tornarão mais interessantes e atrativas, principalmente as aulas de história, pois esta disciplina é considerada pela maioria dos alunos do ensino fundamental e médio como decorativa e cansativa.

Irei apenas fazer uma breve descrição das temáticas ligadas ao cinema e o teatro, pois minha equipe trabalhou com música, assim darei uma maior atenção a esta parte do mini-curso, até porque foi o momento em que fui avaliada na disciplina Prática de Ensino.

A primeira parte do mini-curso – como já foi dito anteriormente – foi ministrada pela equipe encarregada de trabalhar “O Cinema e a História na Sala de Aula”. No primeiro encontro foi trabalhado um texto em forma de apostila – que foi entregue aos participantes – descrevendo a história do cinema desde suas origens até os dias atuais. A idéia foi trabalhar teoricamente o cinema, para que se perceba a história deste recurso tão importante para a educação. Por fim, foi transmitido um documentário que relatava os primeiros filmes que foram projetados no Brasil.

A segunda parte do mini-curso sobre cinema a equipe trabalhou com o filme “Carlota Joaquina”, retratando a história da família real portuguesa no Brasil colônia. No final da exibição foi passado um questionário com perguntas ligadas a idéias de se trabalhar o cinema na sala de aula.

Dando continuidade ao mini-curso, no terceiro e quarto encontro foi trabalhada a música como recurso didático para ser utilizada por professores de história – e outras disciplinas – em aulas para o ensino fundamental e médio.

Para sabermos trabalhar a música de uma maneira interessante e criativa, pesquisamos em várias fontes e a partir desta pesquisa nossa equipe<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A equipe que trabalhou o tema “Música e História na Sala de Aula” foi composta Joselma Caetano do Nascimento e Leonice Ádna A. Silva.

produziu um texto<sup>8</sup> que objetivava conscientizar o professor de que a música é um grande recurso didático para o processo ensino-aprendizagem. Nossa idéia não era oferecer receitas prontas, mas provocar o professor para que utilize a música em suas aulas e perceba a importância deste recurso na educação.

O texto foi entregue aos participantes no início da aula. Antes de começar a trabalhar o tema, para descontrair a turma fizemos uma dinâmica – chamada dinâmica das vogais – onde cada pessoa se identificava tornando o ambiente mais sociável. A partir daí iniciamos nossa apresentação, sempre dando espaço para o diálogo, o debate, através de intervenções feitas pelo público; nossa intenção era trabalhar o tema da maneira mais descontraída possível, para que a aula não se tornasse cansativa.

Fizemos uma discussão teórica sobre o tema e depois partimos para a parte prática, utilizamos duas músicas que têm como tema “o descobrimento do Brasil”. Foram elas: “Brasil com S”, de Rita Lee e Roberto de Carvalho e “Desenredo” de Luís Gonzaga Júnior (Gonzaguinha). Na primeira canção os compositores trabalham o tema com ironia, apresentam algumas figuras relevantes da história do Brasil, como Cabral, Dom Pedro, Fernão Dias Paes etc.; a segunda destaca a cultura e a natureza do país, concluindo que os estrangeiros não conhecem realmente o Brasil, pois chegam a escrever o nome do país com a letra “Z” no lugar da letra “S”, inclusive no mapa do mundo.<sup>9</sup> Procuramos trabalhar a música de forma que os professores presentes percebam como ela pode ser um recurso muito bem aproveitado pelo professor.

A idéia da segunda aula sobre o tema música foi trabalhar na prática músicas que tratam de temas que estão sempre presentes no dia-a-dia dos alunos. A música “Garoto de Aluguel” de Zé Ramalho foi a primeira a ser discutida, foi apresentada a bibliografia do autor, as letras foram repassadas para a turma, que escutou a música duas vezes, a primeira para que o ouvinte escutasse livremente e faça sua própria interpretação; na segunda audição direcionamos o ouvinte para que percebesse como o autor retrata a prostituição e o homossexualismo. No final deste exercício elaboramos duas questões para que fosse aberta uma discussão. O

---

<sup>8</sup> Ver anexos.

<sup>9</sup> Ver anexo.

resultado foi excelente, o tema foi questionado, as pessoas participaram e a aula se tornou muito interessante.

Trabalhamos também a música “Mulher Nova, Bonita e Carinhosa faz o Homem Gemer sem Sentir Dor” de Zé Ramalho e do repentista Otacílio Batista. Na mesma perspectiva em que a primeira foi utilizada, com esta música nosso objetivo foi fazer com que a turma percebesse o papel da mulher em vários momentos da história. O tema foi bastante discutido e questionado. No final pedimos para a turma fazer uma avaliação – oralmente – sobre tudo o que já havia sido feito no mini-curso.

A última equipe trabalhou com o teatro, tentando passar para os presentes diversas maneiras de trabalhar este recurso didático na educação. Primeiramente, trabalharam teoricamente a história do teatro, depois fizeram uma encenação enfocando a relação professor-aluno na sala de aula. A turma foi dividida e cada uma das equipes usou a criatividade para encontrar maneiras de se utilizar o teatro em sala de aula. Foram apresentados: música com encenação, jogral, teatralização em forma de versos, etc.

O mini-curso, na minha opinião, foi bastante proveitoso apesar de ter tido algumas falhas, pois os objetivos trocados foram alcançados, ou seja, conseguimos despertar os participantes para a importância de utilizar a música, o cinema e o teatro como um recurso didático importante para auxiliar o professor na exposição e assimilação dos conteúdos do ensino de história.

## Considerações Finais

Procurei neste Relatório explicitar para o leitor os resultados das avaliações realizadas nas disciplinas que estão diretamente ligadas à área de educação do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande. A escolha foi feita porque as considero fundamentais na formação daqueles que vão trabalhar com o magistério.

As discussões, as leituras, a experiência na prática de ensino, as oficinas e demais avaliações comentadas contribuíram diretamente na nossa formação acadêmica e profissional porque estavam voltadas para nos orientar para a vida e, especialmente, para a prática pedagógica na sala de aula.

Falhamos algumas vezes, tropeçamos em alguns momentos, mas percebemos que todos os esforços serviram como um alento e estímulo na formação do educador. O estágio realizado na disciplina Prática de Ensino não pode ser considerado excelente, mas serviu para aperfeiçoar nossos conhecimentos, para perceber que podemos superar obstáculos e dificuldades e isso vai servir de exemplo para nosso trabalho fora da academia.

No final da caminhada olhamos para trás e vemos que todo esforço valeu à pena, as noites em claro, as madrugadas acordadas estudando, etc. tudo isso serviu para construir sementes, educar cidadãos e, também, para alcançar a vitória de se concluir um curso superior.

Por fim, resta ainda uma última informação: este Relatório foi fruto de estudos, pesquisas e, acima de tudo, da experiência acadêmica e profissional da autora.

## Bibliografia

- BIRMAN, Joel. Subjetividade, contemporaneidade e educação. In **Cultura, linguagem no ensinar e aprender**. Vera Maria Gandau (Org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. (p. 29 a 46)
- CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Introdução do livro **A história cultura entre prática e representações – memória e sociedade**. Rio de Janeiro: Difel Difusão Editorial Ltda. Lisboa e Editora Bertrand Brasil S.A.
- CORZZA, Sandra Mara. O que faz gaguejar a linguagem da escola. In **Linguagem, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Encontro Nacional de Prática de Ensino. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 2ª ed. (p. 89 a 103)
- COSTA, Mariza Vorraber. Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura. In **Cultura, linguagem no ensinar e aprender**. Vera Maria Landau (Org.) 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (p. 29 a 46)
- DUSCHATZKY e Carlos Skliar. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In **Habitantes de Babel. Políticas e poéticas da diferença**. Jorge Larroza e Carlos Skliar (Orgs.). Trad. De Semiranis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ESAU, Elias; PINTO, Luiz Gonzaga de Oliveira. **História do Brasil para Estudos Sociais**. 3ª ed. Editora Saraiva, São Paulo: 1973.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1976. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Tópicos)
- GRIPIONI, Luiz Donizete Crispim. Texto da Biblioteca Virtual da USP.
- LYOTARD, Jean François. **O pós-moderno**. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. 3ª ed/2ª impressão. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p. 15 a 19.



MAIOR, Souto A. **História do Brasil**. 10ª ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo: 1973.

MACHADO, Roberto. **A história epistemológica de Foucault**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e vida integrada**. Vol. 2, 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

PROJETO ARARIBÁ. **História Ensino Fundamental**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2003.

# **ANEXOS**

**Universidade Federal de Campina Grande – Campus II**

**Centro de Humanidades**

**Departamento de História e Geografia**

**Disciplina: TEH (Complemento da Prática de Ensino)**

**Professora: Eronides Câmara Donato**

**Aluna: Joselma Caetano do Nascimento**

## Memorial de Joselma Caetano do Nascimento

“... És um grande promissor na vida de muita gente, além de educar também és, ó professor!  
Um transformador de mente.  
Dudé das Aroeiras.

Neste memorial pretendo relatar minha vida acadêmica no curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus II.

Inicialmente, gostaria de parabenizar a disciplina TEH ( complemento da prática de ensino) por ter a preocupação de nos dar a oportunidade de relatar em um memorial a trajetória estudantil da nossa vida acadêmica, pois através deste “diálogo”, podemos expressar nossas angustias e dificuldades enfrentadas no decorrer do curso.

Ingressei no curso de Licenciatura em História com a idéia de que iria me aprofundar na história como uma coisa pronta e acabada, assim como o professor me passou no ensino médio. Acabei me envolvendo cada vez mais com o curso, quando comecei a cursar disciplinas que me faziam refletir, pensar, questionar, exercitar a mente e desta forma ter minhas próprias conclusões, leituras e posições.

Estudei história no ensino “médio” como uma disciplina decorativa, o professor apenas repassava o que estava no livro didático, não narra discussão, questionamento.

Cheguei muitas vezes a duvidar se este era realmente o curso que eu me identificava, porque uma das maiores dificuldades que encontrei foi produzir textos, algumas disciplinas me ajudaram a vencer esta grande barreira, de que forma? Fazendo provas em casa, onde o aluno produz seu texto sobre o assunto visto em sala, como uma forma de passar para o papel o que realmente foi aprendido nas leituras com os textos. Alguns professores corrigia a avaliação e devolvia ao aluno, apontando os erros e os acertos, dando a oportunidade de repensar e reelaborar o texto. Foi desta forma que superei ou me adaptei a elaborar meus textos.

Interrompi minha vida acadêmica em 1999, durante dois períodos, por motivos familiares e pessoais, depois veio uma greve na instituição que deixou um bom tempo afastada da Universidade.

Comecei a ensinar, quando estava no quinto período do curso, em uma escola particular na cidade de Aroeiras. Leciono desde o início do ano de 1999, no Colégio Central de Ensino, todas as minhas turmas são do Ensino

Fundamental. A sala de aula para mim foi e está sendo uma tarefa interessante, pois foi nela que vi realmente a importância da prática e da experiência em uma vida profissional, cheguei a conclusão de que aprendendo a teoria na Universidade e praticando o aprendizado, o resultado é excelente.

Nesta experiência profissional descobri que o curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, não prepara o aluno para a sala de aula, este preparo está voltado para a pesquisa.

Para fazer uma reflexão a partir da literatura com minha formação acadêmica e profissional, vou relatar como exemplo duas disciplinas: História Contemporânea I, paga no período de 1999.1 ministrada pela professora Maria do Socorro Rangel e, História Contemporânea III, cursada no período 2001.2 com o professor Severino Cabral Filho. A escolha das disciplinas como exemplo, não foi feita por acaso, escolhi para fazer uma ponte entre o período em que eu apenas estudava na academia e o período em que começo a lecionar e estudar ao mesmo tempo.

A disciplina História Contemporânea I tem como objetivo fazer uma análise do início do período Contemporâneo a partir das Revoluções Burguesas, como por exemplo, a Revolução Inglesa de 1640, a Revolução Gloriosa de 1688, a Revolução Francesa de 1789, etc. Procurava estudar também o homem que emergia, o modo de vida burguês e as mentalidades da época. Lemos autores como Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Soboul, entre outros. O ponto positivo dessa disciplina que contribuiu para minha aprendizagem foram as leituras, o contato com os autores que estava conhecendo naquele momento, como Hobsbawm, no qual me interessei bastante por esse autor, por que ele escreve com uma linguagem simples e envolvente, e nos leva a entender as leituras, lemos alguns textos da sua obra "A Era das Revoluções".

No decorrer da disciplina tivemos aulas expositivas, exposições coletivas, debates e filmes. Mas a maior contribuição da disciplina foi produzir textos, a professora incentivava o aluno a fazer provas em casa, e com isso, a produção de texto que faz o aluno colocar no papel suas leituras e posições.

Os erros eram apontados para que o texto seja refeito, reelaborado. As dificuldades foram grandes mas no final da disciplina notei que valeu a pena o esforço, por que me ajudou bastante a "crescer" no curso.

Comecei a cursar a disciplina Contemporânea III, quando estava lecionando, ela me ajudou a trabalhar assuntos como: A Segunda Guerra Mundial, a sociedade, a política, a economia do mundo contemporâneo. Assuntos que o livro didáticos procuram mostrar do ponto de vista do superior, do dominador. A disciplina ajudou a ver-mos o outro lado, o lado dos dominados onde a crueldade humana foi levada ao extremo. Isso fez com que meu trabalho em sala torne-se mais interessante porque fez com que os alunos tenham maior interesse pelo assunto levando a um aproveitamento excelente em termos de aprendizagem.

Foi uma disciplina bastante proveitosa, fizemos leituras de autores como: Hannah Arent, Gerard Vicent, Eric Hobsbawn, Michelle Perrot, entre outros.

Não só estas duas disciplinas, mais várias outras, do 1º, 2º, todas que cursei me ajudaram a ter uma formação acadêmica, claro que umas um pouco mais que outras, mas todas deram sua contribuição.

Participei da II Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades, que aconteceu no período de 07 a 09 de dezembro de 1998, fiz um mine-curso intitulado Direitos Humanos: que papo é esse? Participei também da terceira e da Quarta Semana de Extensão, assistindo Palestras, apresentação de trabalhos dos alunos do Centro de Humanidades.

A disciplina TEH (complemento da prática de ensino) foi pensada para a formação do aluno em sua vida profissional, daí a sua grande contribuição no curso de Licenciatura em história, orientar para além da academia, isto é, para a prática, para as convivências entre professor e aluno. É uma disciplina bem elaborada porque leva-nos a discutir os discursos, a relação de poder e a vivência.

A questão da relação de poder me chamou uma atenção especial, porque em toda relação existe intenções e interesse, na escola isto não é diferente, o professor está sempre em posição superior em relação ao aluno, essa posição faz com que haja cobrança, imposição na própria avaliação o professor está impondo poder, porque está dando notas em relação à capacidade do aluno.

As discussões do livro de Foucault "A Ordem do Discurso", levou a reflexões sobre o poder que a ciência tem de nomear, classificar, ela diz qual é o lugar do normal e do anormal, o sã seria o primeiro, o louco o segundo. É como se a razão instituisse um discurso sobre o homem e desse um lugar de destaque, de privilégio para o "normal".

O texto "Pragmática do Saber Narrativo" de Jean-François Lyotard, me chamou bastante atenção porque o autor tem a preocupação de trabalhar o saber narrativo, mostrando que existe outras formas de saber, sem ser o saber científico, que para o autor se resume em saber-viver, saber-fazer e saber-escutar. Levando esse discussão para a educação, para a prática da sala de aula, podemos pensar da seguinte forma: o saber-viver seria vivenciar o assunto dado em sala; o saber-fazer seria aproveitar o momento da aula, usando recursos que chame atenção do alunado; por fim, o saber-escutar que consiste em escutar a opinião do aluno, abrir discussões, etc.

A leitura do texto da Sandra Mara Coraza "O que faz gaguejar a Linguagem da Escola" e do texto do Alfredo Veiga Neto também nos faz refletir sobre a educação e principalmente sobre as atividades cotidianas do professor.

São leituras difíceis de ser compreendidas, mas no decorrer das aulas, das discussões e das exposições feitas pela professora Eronídes, torna-se bastante interessante. Essa disciplina merece aplausos porque se propõe a

contribuir para a formação do professor , lhe ajudando a encarar seu grande desafio: formar cidadãos.

A história é vista pelos alunos, tanto de ensino fundamental quanto do médio , como uma disciplina decorativa. Talvez o livro didático ajude a dar esta impressão. É interessante que o professor se desprenda do livro didático e procure formas de chamar a atenção do aluno, usando recursos diversos, como filmes, exposições, fotografias, aulas experimentais, etc. A partir do momento em que a aula torna-se atraente para o aluno ,a aprendizagem é rápida e abre caminho para a elaboração de idéias e reflexões.

# *Universidade Federal de Campina Grande*

Centro de Humanidades

Departamento de História e Geografia

Disciplina: Tópicos Especiais: Complementação  
da Prática de Ensino

Professora: Eronides Câmara

Alunas: Joselma Caetano do Nascimento

Matrícula: 29613205

## *Artigo*

### **“As identidades construídas pela Modernidade”.**

A modernidade constrói identidades para o outro procurando amenizar o preconceito, o racismo, a exclusão presente nas nomeações. Quando se faz referência a um deficiente físico usa-se a palavra especial, como se estas nomeações diminuísse o grau de exclusão que a sociedade impõe nas pessoas portadoras de deficiência.

Na educação o próprio sistema contribui para que haja uma exclusão, um distanciamento entre o que convencionalmente é normal e o que se diferencia desse modelo. Na maioria das escolas públicas as salas de aula são organizadas de acordo com as características dos alunos, aqueles que conseguem se sobressair são considerados os inteligentes, os normais e por isso são colocadas em conjunto com as que possuem os mesmos méritos. Os repentes são vistos como



inferiores, menos inteligente e por isso precisam ser organizados em turmas “especiais”. E como se houvesse um distanciamento muito grande entre o aluno “normal” e o oposto deste que seria o anormal, parece até que este último não tem capacidade de superar suas dificuldades.

Na realidade o que acontece é que a própria instituição de ensino não está preparada para resolver esses impasses. Agindo desta forma a educação ajuda a institucionalizar as identidades construídas pela Modernidade.

O livro didático é muito utilizado pelos professores, na maioria das vezes é seguido ao pé da letra, raramente é questionado porque é fruto do saber científico, escrito a partir do olhar de europeu. Nele encontramos nomeações que parte do eu superior em relação ao outro inferior, portanto estas nomeações cria identidades muitas vezes simbolizando poder, instituindo práticas discriminatórias e excludentes.

Quando o livro didático nomeia o colonizado mostra nas entrelinhas a inferioridade em relação ao colonizador, este é colocado num pedestal como se sua cultura fosse um modelo que deveria ser seguido, deixando de lado a importância das demais culturas.

Segundo Marisa Vorraber Costa “a linguagem, as narrativas, os textos, os discursos não apenas descrevem o falam sobre as coisas, inventando sua identidade”. Portanto somos sujeitos criados pela linguagem, neste sentido o livro que institui identidades, sacralizando as subjetividades e consolidando lugares na sociedade, o europeu é sempre mostrado como superior e o Oriente como inferior; o homem como forte e inteligente a mulher como frágil e incapaz. Desta foram as nomeações inventam identidades, dar lugar ao outro através da desigualdade.

O professor em sala de aula está sempre nomeando, criando identidades – o velho, o novo, o competente, o louco, o normal, o anormal, etc – mesmo sem querer o professor cria subjetividades, dar lugar hierárquico a seus alunos através da relação de poder. Quando o aluno não consegue tirar boas notas o professor o vê como preguiçoso,

desinteressado, incapaz, etc. é feito nomeações que inferioriza, identidades preconceituosas carregadas de desigualdades.

Silvia Duschatz e Carlos Skliar no texto "O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação" afirmam: "a Modernidade construiu varias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em principio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa". A sociedade cria formas de regulação através da moral, das leis, da educação, da cultura; são muitas vezes estratégias para controlar, regular e reger através da alteridade, transferindo para o outro tudo o que for negativo, excluindo, inferiorizando, fazendo uma oposição ao ideal, ao normal, ao superior que seria o eu. Existe uma relação binária – o bonito, lúcido, etc – que cria termos negativos para se opor ao eu ideal.

Vale salientar que nessa relação binária é imprescindível que se nomeei o outro mostrando a diferença porque o rico não existiria sem o pobre, o magro sem o gordo, o normal sem o anormal. E como se fosse necessário haver esses antagonismos para que as identidades se instituem. Alfredo Veiga Neto em seu texto "Incluir para Excluir" chama atenção para as nomeações que na sua concepção está associada à política de identidades. As nomeações criam conceitos que termina transformados em identidades, você nomeia o "especial" do lado negativo porque o modelo para seguir é o imposto pela sociedade, mas para existir esse modelo tem que haver o diferente, o que foge dos padrões.

Por fim, essa construção de identidades fortalece os lugares de poder na sociedade, cria nomeações desiguais e institui modelos a ser seguido.

Joselma Caetano.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
DISCIPLINA – METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA  
PROFESSORA : ERONIDES CÂMARA DONATO

EQUIPE : **Joselma Caetano do Nascimento**  
**Luciana Balbino de Souza**  
**Mariilda Cociño da Silva**

# PROPOSTA DE OFICINA

CAMPINA GRANDE, ABRIL DE 2004

## 1- APRESENTAÇÃO:

O propósito desta oficina é mostrar através de paródias como os livros didáticos antigos e atuais representam diferentes papéis para o índio.

## 2- OBJETIVO GERAL:

-Apresentar através de paródias as diversas representações do índio mostradas nos livros didáticos.

## 3- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

-Mostrar o primeiro papel que o índio representou quando os portugueses chegaram ao Brasil, quando ele aparece como selvagem, primitivo, bárbaro etc;

-Caracterizar o índio na catequese, quando ele aparece como inocente, infantil, almas virgens, indefeso, que necessita da proteção da religião;

-Compreender o papel do índio quando este aparece como corajoso, altivo, cheio de amor à liberdade, no momento da miscigenação.

-Trabalhar com paródias tendo como tema o índio brasileiro e suas representações instituídas pelos livros didáticos.

## 4-JUSTIFICATIVA:

\*A idéia da oficina é mostrar através de paródias às diferentes representações que os livros didáticos trazem do índio desde a chegada dos portugueses no Brasil até os dias atuais surgiu a partir de observações de que o livro didático é o instrumento didático mais utilizado pelos alunos e estes não questionam as representações que o livro discute e as aceitam como verdades absolutas, até porque o poder de verdade que o livro didático institui é tão grande que aqueles que sabem dos conteúdos se sobressaem em relação aos outros. A proposta nossa é que os alunos compreendam de forma descontraída como a paródia proporciona, que o índio é representado em três papéis diferentes: o selvagem, o inocente e o corajoso.

## 5-METODOLOGIA:

A oficina será apresentada pela equipe responsável através de paródias, apresentação de trabalhos coletados em salas de aulas do Ensino Fundamental, onde os alunos mostram a representação que percebem do índio através de desenhos. E assim visamos discutir as representações que os livros didáticos trazem dos índios em três

momentos diferentes da História. Desta forma, estaremos contribuindo para os professores presentes, com uma nova maneira de trabalhar com estes assuntos na sala de aula.

#### PÚBLICO ALVO

Alunos da disciplina Metodologia do Ensino de História.

#### BIBLIOGRAFIA:

-ESAÚ, Elias . PINTO, Luiz Gonzaga de Oliveira. *História do Brasil para estudos Sociais*.3.ed. Editora Saraiva, São Paulo, 1973.

-REZENDE, Maria Efigênia Lage de . MORAIS, Ana Maria de. *História Fundamental do Brasil*. 5.ed. Editora Bernardo Álvares S.A. Belo Horizonte, 1971.

-MAIOR, Souto A . **História do Brasil** 10.ed . Editora Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1973

- PILETTI, Nelson. PILETTI, Claudino. **História e Vida Integrada**. Volume 2. 4.ed. Editora Ática. São Paulo, 2001.

-**PROJETO ARARIBÁ**. História Ensino Fundamental 6. ed.1. Editora Moderna. São Paulo, 2003.

-AMARAL RITA, **Representações feitas por crianças na escola pública de São Paulo**, 1996. extraído

-GRIPIONI, Luiz Donizete Crispim. **Texto da biblioteca virtual da USP**.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**  
**DISCIPLINA: Prática de Ensino**  
**PROFESSORA: Eronides Câmara Donato**  
**ALUNAS: Joselma C. Nascimento**  
**Leonice Adna A. Silva**

## **INTRODUÇÃO**

Raramente há pessoas que não apreciam algum tipo de som, seja ele originário da natureza, seja ele produzido pelo homem. A partir desta constatação, percebe-se que o som organizado pode exprimir algo às pessoas, inclusive transmitir saber de geração a geração; é por meio do som, de sua voz, que a maioria dos professores, sacerdotes etc., comunicam e ensinam a seus interlocutores.

A comunicação verbal aproxima o homem, ajuda-o a conviver socialmente; quando a linguagem tem a música como aliada ganha força porque oferece uma melhor interligação, percepção daquilo que se quer expressar. A música, assim, é uma linguagem por meio da qual uma idéia é bem difundida ao longo dos tempos.

A segunda parte da oficina<sup>1</sup> realizada pelos alunos da disciplina Prática de Ensino, tem como título “A música e a história na sala de aula”; oferece uma

---

<sup>1</sup> A primeira parte da oficina tem como título “O cinema e a história na sala de aula”.

proposta – aos que exercem o ofício de ensinar – de trabalhar a música cantada e tocada à disciplina de história para auxiliar a assimilação dos aprendizes.

Apesar da música oferecer uma potencialidade como auxiliar no aprendizado, ela é pouco utilizada pelos professores na sala de aula; aqueles que os fazem, em geral, utilizam este recurso de maneira inadequada, não valorizam a música como ela merece. A idéia do mini-curso não é oferecer propostas utópicas – “a cura de todos os males” – mas intenciona provocar o professor para que utilize a música em suas aulas e perceba a utilidade deste recurso na educação.

É necessário lembrar que para utilizar a música como um recurso auxiliar nas aulas, o professor deve ouvir muita música, de variados tipos, ou seja, deixar o preconceito de lado e experimentar variedades de sons, para depois formar opinião. E ainda saber selecionar aquilo que é mais útil e adequado para si e para o aprendizado dos seus alunos.

### **Como usar a música na sala de aula**

Para você gostar de música não é necessário que você siga um estilo de música e abomine outro. É preciso que você aprenda a gostar de qualquer tipo de som, desde o canto de um pássaro até uma música de Caetano Veloso. O importante é compreender que a música e a linguagem são exclusividades humanas. São aspectos da necessidade de nos comunicar. Portanto, como no caso da linguagem, pode-se dizer que, quando a música “fala”, as nossas emoções “escutam”.

Há quem chegue a afirmar que o som organizado por nós, seres humanos, pode alcançar, quando desejamos por meio dele exprimir algo a outra pessoa.

A música, o som ordenado, assim como é uma linguagem universal também é uma linguagem por meio da qual uma idéia é mais bem difundida ao longo dos tempos: mesmo sem escrever quaisquer sinais gráficos que

representassem os sons que cantavam, há gerações antigas que continuaram pelos séculos entoando palavras que aprenderam cantando desde a mais tenra infância com seus mestres. Comparamos aos grandes clássicos da literatura infantil, como *Cinderela*; apenas ouvindo um adulto cantar, a criança aprende sem saber ler.

Provavelmente, um dos primeiros elementos que chegamos a conhecer é o ritmo. Talvez ainda no ventre materno, ouvindo as batidas do coração de nossa mãe. Tem-se dito que a reação ao ritmo musical pode ser influenciada no subconsciente pelo nosso batimento cardíaco ou até mesmo pela respiração. Assim, não parece ser coincidência que a maioria das pessoas pelo visto prefere ritmos musicais na faixa de 70 a 100 batidas por minuto, a mesma que a do ritmo médio do coração de um adulto sadio.

A harmonia produz sons agradáveis, ao passo que a dissonância produz sons desagradáveis e em certas músicas eles se completam. A constante interação de harmonia e dissonância produz um vacilante, que é imperceptível, crescendo de tensão que passa para as nossas emoções. Esse suave embalo emocional é calmante, ao passo que só música dissonante irrita os nervos e evoca sensações desagradáveis, como arranhar uma lousa ou quadro-negro com as unhas. Por outro lado, a música baseada apenas em harmonia pode ser maçante.

A melodia é o arranjo harmonioso de uma sucessão de notas. Segundo algumas fontes, essa palavra vem do grego *melos*, que significa "canção". Melodia, de acordo com os dicionários, é música ou qualquer som que seja suave.

Ao serem combinados, todos esses elementos (harmonia, dissonância e melodia) criam forças poderosas que podem estimular ou acalmar as nossas emoções. Isso se dá por causa das diversas maneiras pelas quais o cérebro capta e processa a música.

Alguns sugerem que a linguagem e a lógica são predominantemente funções do lado esquerdo do cérebro, ao passo que a música é processada no lado direito, que lida em grande parte com sentimentos e emoções. Quer seja



assim, quer não, é óbvio que a música evoca reações espontâneas nos ouvintes. “A música pode criar sentimentos e emoções rápida e eficazmente”.

O que num livro exigiria algum tempo lendo, na música muitas vezes pode ser transmitido num único compasso ou num único acorde.

Há uma corrente que sustenta que uma dada composição musical tem efeito similar em todos os ouvintes. Contudo, outra diz que a reação a uma melodia ou a uma canção reflete o humor atual da pessoa ou sua experiência anterior. Um exemplo disso seria quando alguém sofre uma desilusão amorosa, a música tocada naquele momento ou durante o relacionamento, vai trazer recordações e provocar tristeza, ou até lágrimas, na pessoa que está vivendo este momento.

A música ajuda a conectar palavras ou conceitos às emoções. Por isso, poucos comerciais de televisão ou de rádio são apresentados sem acompanhamento musical. Muitas vezes, as palavras pouco representam, mas com adequada música de fundo, a propaganda manipula as emoções dos ouvintes.

Provavelmente, o objetivo da maioria das propagandas é tornar o ato de comprar uma reação emocional, em vez de lógica.

Antes de qualquer coisa, para se utilizar a música como recurso didático é fundamental que o professor ouça muita música, dos mais variados tipos, ou seja, que deixe preconceitos de lado e experimente todas as variedades e, como ouvinte que será, saiba selecionar aquilo que é mais útil e adequado para si e para o aprendizado de seus alunos.

O professor deve usar a música para ensinar, e nunca para atormentar.

## **A música para ensinar**

A música é uma expressão universal, ela cria sensibilidades e emoções, podendo ser uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, o professor deve utilizar este recurso, mas é preciso ter um mínimo de conhecimento sobre o assunto; é necessário escutar os mais variados sons com “ouvidos atentos”, e também ler o que for possível a respeito.

A música é, além da arte de combinar os sons, uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro. Assim como uma série de células organizadas e interligadas resulta em um tecido ou organismo, a música deve ser percebida como uma combinação de sons e uma conseqüente ligação entre elas, portanto o professor deve tentar perceber os detalhes que existem na sonoridade que seus ouvidos identificam. Muitas vezes os ouvintes não se preocupam em perceber os detalhes que “se escondem” na música.

É comum as pessoas acharem que são maus cantores, porém raramente se autodeterminam como maus ouvintes. Podemos nos perguntar: o que é ser uma má ouvinte? Segundo Martins Ferreira, “O mau ouvinte é aquele que não se predispõe a ouvir e, de preferência, a ouvir de tudo um pouco, para então formar o seu gosto musical, a partir de uma base sólida, segundo variadas experiências sonoras vividas. O mau ouvinte, portanto, é o ouvinte limitado.” (Como usar a Música na Sala de Aula. p. 18)

Como identificar o bom ouvinte? Segundo Martins, existem dois meios de se identificar o bom ouvinte: o primeiro é aquele que escuta sem compromisso teórico – está preocupado com a emoção causada pela música. O segundo é aquele que escuta preocupado em captar os detalhes, conseguindo desta forma ultrapassar a emoção e ir em busca da informação e da reflexão.

Portanto, o professor deve ser antes de tudo um bom ouvinte, aquele que usa a música para refletir e obter informação. Desta forma, ele também passará a ser um observador de diferentes ritmos, e o melhor, conseguirá

diferenciar vários tipos de músicas como, por exemplo, o tango, o choro, o samba, o rock, etc.

Sabe-se que a música tem o poder de ser melhor captada pelo ser humano do que apenas a narração. A revista Nova Escola nº 149, de janeiro/fevereiro de 2002, traz um grande exemplo de como a música é um rico legado que ultrapassa gerações, ajudando uma sociedade a captar melhor um grande fato da sua história. A jornalista Priscila Ramalho volta-se para a Rússia do século XIX, quando em 1862 os czares da Rússia pediram ao compositor Tchaikowski um tema em homenagem ao cinquentenário da batalha de Borodon, na qual o país venceu o exército de Napoleão Bonaparte. O maestro colocou num trecho da música um fundo musical onde se ouve o hino francês (Marselhesa) e, sobre ela, cresce imponente a marcha czarista. A peça foi batizada de Abertura de 1812. Atravessou gerações, ajudando a entender o episódio. Portanto, percebe-se que a música está totalmente ligada à história. É muito comum usar as canções de Chico Buarque nas aulas sobre a ditadura militar no Brasil; usar os baiões de Luís Gonzaga para retratar a vida do sertanejo. Percebe-se nestes dois exemplos que a música é uma guardiã dos costumes, da cultura e dos acontecimentos de um povo. Martins Ferreira afirma: "É uma das mais ricas e universais formas de expressão humana, que revela a cultura de uma época ou região". (Como usar a Música na Sala de Aula. p. 20)

É sempre bom utilizar este recurso, visto que a música pode transmitir mensagens que identifica um povo, uma nação, além de atravessar gerações. Vários aspectos podem ser trabalhados: os instrumentos utilizados – que revelam a interação com outras culturas -, o contexto, os rituais e as danças. Sem falar nas letras em que o artista exprime suas idéias.

É importante que ao trabalhar uma música na sala de aula o professor contextualize a composição no tempo e no espaço antes que seus alunos a escutem, para que ela ganhe sentido. Questionar por que ela foi criada naquele momento, falar sobre o lugar onde ela surgiu, apresentar o compositor, ajuda a

despertar o interesse do aluno pela música e pelo assunto que está sendo ministrado.

O professor deve planejar o momento da audição, é necessário que a canção seja tocada duas vezes. A primeira, apenas para que os alunos se deixem levar pelo som e reflitam livremente; depois o professor começa a orientar a análise, fazendo provocações e chamando a atenção para os instrumentos, o ritmo, a entonação ou algum trecho que queira destacar – é hora de se escutar a segunda vez, para que o aluno perceba a ligação da música com o assunto que o professor está ensinando. É importante que o aluno tenha em mãos a letra para acompanhar.

Já se sabe que os estudantes gostam e admiram música tanto quanto os professores, porém, se eles se limitam ao que já conhecem, não ampliam os universos, nem se aproximam do imenso patrimônio musical que a humanidade vem construindo ao longo dos séculos. Cabe ao professor realizar este desafio.